

Drive-in: Na exposição de Matheus Rocha Pitta, ruína e natureza se confundem

Retrato alegórico de uma época em trânsito

Luiz Camillo Osório

ARTES
CRÍTICA

A denominação *site-specific* surgiu na arte contemporânea para descrever as esculturas monumentais que se instalavam no espaço urbano ou na natureza, e assumiam esta inserção como destino poético da obra. A arte, neste caso, deixa de ser um objeto autônomo e se instala em um lugar, habitando-o. A exposição de Matheus Rocha Pitta na galeria Novembro, situada no shopping da Rua Siqueira Campos, remete transversalmente para este vínculo com um sítio específico. O título "Drive-in" sugere um dirigir-se para dentro deste lugar, ao mesmo tempo real e ficcional, criado pelo artista.

O trabalho começa dentro do estacionamento no subsolo. Não se

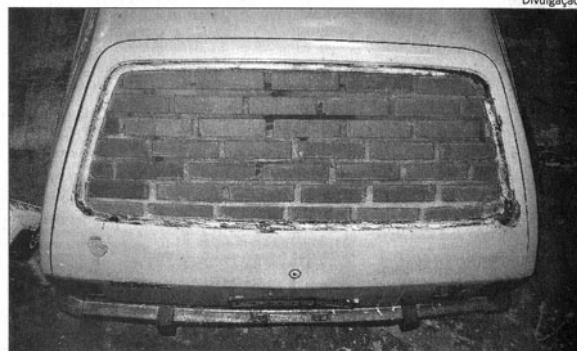
trata de um estacionamento qualquer. É uma espécie de pântano de concreto, uma caverna cheia de marcas, vestígios de uma cidade em decadência. Ali dentro encontra-se uma Belina 79 transformada pelo artista em minigaleria, depois de retirados os bancos e substituído o vidro traseiro por uma parede de tijolo. Dentro do carro ele mostra recortes de jornal com notícias de cavalos perdidos na cidade. Tudo é precário. O estranhamento é total.

O curioso é que o estacionamento interessa mais como vivência temporal do que como contexto espacial. O tempo com peso e textura é deslocado para a galeria. É como se o artista nos convidasse a entrar dentro deste tempo que perpassa o estacionamento. No caminho da exposição vivemos a tensão entre o

tempo marcado do estacionamento e o tempo suspenso do shopping. Esta passagem do percurso também é interessante.

Dentro da galeria, quase sem luz, transformada em minicaverna, somos recebidos por uma placa de concreto, bruta e cinza, onde há duas colagens de jornal com imagens de carros naufragados sob uma cidade em ruínas. Uma linha vermelha sai da placa e percorre a parede. Do lado oposto, três fotos do estacionamento, ou melhor, de suas paredes detonadas, quase arqueológicas, marcadas com breves desenhos/grafites a giz do artista que remetem ao tema subjacente da simbiose do carro e do cavalo, do estacionamento e do pântano.

O clima se potencializa na videoinstalação que resume poética-



A BELINA 79 foi transformada pelo artista em minigaleria: estranhamento total

mente o conjunto exposto em "Drive in". Longas cenas do estacionamento são feitas de dentro de um carro e tendo alguns cavalos transitando, surrealista e lentamente, pelo ambiente. Nada acontece para além deste teatro metafísico, onde sonho e realidade se misturam, e o tempo

parece suspenso e desacelerado. O *site-specific* de Matheus Rocha Pitta assume o estacionamento como palco do cruzamento imaginário entre o não-lugar da Belina e o não-tempo dos cavalos, ou seja, onde ruína e natureza confundem-se. É o retrato alegórico de uma época em trânsito. ■

Divulgação